

Nuno Castro

Heróis do Ultramar

ÍNDICE

Introdução	11
O <i>Rambo</i> da Guiné	17
O homem que reconquistou Angola	35
O <i>Diabo Branco</i> do Niassa	49
O Prisioneiro.....	65
Mucaba: memorial dos resistentes.....	89
O sangue dos comandos também pode ser azul.....	105
O venerado capitão do quadrado.....	125
Um homem que vale por três	143
Alfa-Bravo, o alfabeto que salva vidas, <i>over</i>	153
Os heróis também se rendem	165
Agradecimentos.....	179
Bibliografia	183
Outras fontes	187

O *Rambo* da Guiné

(...) De louvor em louvor, a reputação de Marcelino foi crescendo.
E a lenda também. (...)

© Liga dos Combatentes do Ultramar



Marcelino da Mata (2.º eq.) com o Tenente Miguel Pessoa (ao centro)

© Virgínio Briote



Comandos a caminho de Bafatá, junto ao *Dakota* para operações na região do Xitole. O 1.º Cabo Marcelino da Mata é o primeiro da esquerda, na segunda fila.



Tenente-coronel Marcelino da Mata

Batalhão de Caçadores 356

Batalhão de Cavalaria 490

Grupos de Comandos do Centro de Instrução de Comandos

Grupo de Operações Especiais *Os Roncos*

Grupo de Operações Especiais *Os Vingadores*

Guiné (1961-1974)

Diz-se que quem vai à guerra dá e leva. Marcelino da Mata contraria o ditado: nunca foi ferido com gravidade. Correção: apesar de ter participado em mais de duas mil operações, quase todas com muitas baixas, nunca foi ferido pelo inimigo. Levou um tiro na perna dentro do quartel quando um soldado estava a limpar a arma e disparou acidentalmente. Foi alvejado no ombro quando «um amigo meu, na brincadeira, visou baixo de mais». Numa operação em 1972, ia à frente de um desastrado alferes que premiu inadvertidamente o gatilho: «Ligaram-me e continuei.» O louvor recebido posteriormente confirma-o: «Recusou-se a ser evacuado e contribuiu decisivamente, com a sua indómita coragem, para a debandada do inimigo e para

a captura de volumoso material de guerra.» No regresso ao quartel depois de uma missão, confundiram-no com um guerrilheiro e voltou a ser alvejado por um companheiro – só conseguiram retirar a bala, encravada num osso, em 1983. E nunca abandonou o campo de batalha para ser tratado.

O ferimento mais grave aconteceu num acidente de viação, em 1968. Estava em Farim, na Guiné, e um destacamento a dois quilómetros começou a ser atacado. Meteu-se num jipe para ir ajudá-los, mas um tiro de bazuca dos guerrilheiros emboscados na estrada acertou na roda e provocou o despiste do carro. «Dei seis cambalhotas, bati com a cabeça e parti um braço que ficou com o osso todo esmigalhado», conta Marcelino da Mata no livro *Últimos Guerreiros do Império*. Mas ainda se conseguiu defender do inimigo que corria para ele: «Disparei com o outro braço, fiz dois mortos e eles fugiram. A seguir, desmaiei.» Desde 1968 que em vez de osso tem metal no braço. «Uns tempos depois, um condutor despistou um *Unimog*,¹ demos várias cambalhotas e o metal entortou. Puseram-me outro. Noutra operação, caí mal ao saltar de um helicóptero e o ferro voltou a entortar. Tiveram que me meter outro.»

Tudo pequenos arranhões para um homem que esteve treze anos em permanente actividade nos cenários mais violentos da guerra do ultramar. Marcelino da Mata fez o curso de comandos, de operações especiais, de fuzileiro especial, de mergulhador, de pára-quedista, de sapador de minas e armadilhas,

¹ Camião fabricado pela Mercedes-Benz inicialmente para tarefas agrícolas, mas, devido à sua capacidade de circular em vários terrenos, foi adaptado pelas Forças Armadas de vários países, inclusivamente Portugal, que recorreu ao veículo nos três teatros da guerra colonial.

HERÓIS DO ULTRAMAR

de enfermeiro e de cozinheiro. Da teoria à prática, perdeu a conta aos inimigos que abateu e colecionou elogios: «Era aquilo que costumamos designar por uma máquina. Senhor de uma coragem e determinação extraordinárias. Nunca o vi vacilar perante o perigo», diz, no blogue *Luís Graça & Camaradas da Guiné*, o maior fórum da guerra colonial, reunindo milhares de testemunhos de ex-combatentes, o ex-furriel Mário Dias, que o conheceu em 1963. «Ele ia à frente e sentia tudo», lembra, no livro *Últimos Guerreiros do Império*, o coronel Jaime Cardoso, que o acompanhou em várias operações no mato. «O Rambo, comparado com o Marcelino, parece uma criança de infantário. Era uma implacável máquina de guerra que causava estragos diabólicos ao inimigo», refere, numa reportagem de 1986 do jornal *Tal & Qual*, um oficial não identificado que o viu em acção.

Mas Marcelino da Mata não coleciona apenas elogios. Não havendo um *ranking* oficial, o seu nome aparece frequentemente associado ao de oficial mais condecorado (por acções em campanha) do exército português. E nem falemos dos louvores – «uns dizem que foram 47, outros 52», adianta o próprio –, porque apenas com as medalhas conseguimos percorrer toda a carreira militar de Marcelino da Mata.

CRUZ DE GUERRA²

O recruta passou na inspecção com um «bom». O exame foi rápido: «O sargento enfermeiro deu-me um murro no

² Premeia actos de bravura praticados em campanhas militares. Conforme a importância, pode ser de 1.^a, 2.^a, 3.^a ou 4.^a classe. Durante a Guerra Colonial foram entregues 2975 Cruzes de Guerra.

estômago, eu encolhi-me e ele disse: “É bom.”» E assim se abriram as portas do quartel ao Mata errado. Estamos em Janeiro de 1960 – ainda não havia guerra na Guiné. Marcelino tem 19 anos. O filho de Marcelina Vaz e Martinho da Mata foi ao centro de recrutamento informar-se sobre a situação do irmão, que faltara à chamada para ir à tropa. Já não saiu. Cumpriu os dois anos de serviço militar do irmão. Faltava-lhe depois cumprir o seu recrutamento. Ao *Tal & Qual*, Marcelino da Mata conta que a sua carreira militar podia ter acabado logo aos 21 anos: «Decidi fugir e aliar-me ao PAIGC,³ que na altura se chamava FLING.⁴ Mas eles decidiram exercer represálias por eu estar no exército português e fuzilaram o meu pai e a minha irmã. Fiquei do lado português.» Segundo o livro *Últimos Guerreiros do Império*, a razão da escolha foi outra: «Eu tinha de lutar por um lado e esse lado era – e é – Portugal. A princípio não percebia nada de política, mas como não gostava de cabo-verdianos e eles estavam à frente do PAIGC, eu estava contra eles.»

Marcelino da Mata nunca gostou de cabo-verdianos. Em Ponte Nova, no distrito de Tite, onde nasceu, ou em Bissau, onde frequentou a escola, fez amigos brancos e pretos. Cabo-verdianos não. Como não se misturavam, ganharam uma alcunha: fotocópias. Marcelino pertencia à etnia papel, mas andava com mandingas, fulas, balantas, mandecos ou mancais. E aprendeu todos os dialectos, o que lhe viria a

³ O Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde ficou conhecido pela sigla PAIGC. Fundado em 1956, entre outros, por Amílcar Cabral, estabeleceu a sua sede em Conacri, capital da Guiné-Conacri, e foi o movimento responsável pela luta de libertação da Guiné-Bissau.

⁴ Frente de Libertação para a Independência Nacional da Guiné.

ser útil quando acabou a segunda dose do serviço militar. Fez a recruta em cinco meses e depois tirou a especialidade (condutor) em quatro meses. Quando acabou a tropa, a guerra já tinha começado. Foi integrado no Batalhão de Caçadores 356, constituído na sua maioria por açorianos, na função de soldado-condutor, «mas como falava muitos dialectos, qualquer tropa que ia para o mato me levava como intérprete». Sempre que se apanhava e interrogava um guerrilheiro, Marcelino era o tradutor de serviço.

O intérprete foi-se habituando e ganhando prática debaixo de fogo. Quando soube que um tenente (futuro coronel) chamado Maurício Saraiva andava à procura de voluntários para formar um grupo de comandos, não hesitou: ofereceu-se. Esteve três meses em Angola a fazer o curso e regressou à Guiné, no início de 1964, para a última fase da formação – o IAO (Instrução de Aperfeiçoamento Operacional). Foi enviado para a ilha do Como. Ia participar na *Operação Tridente*, uma importante acção cujo objectivo era ocupar as ilhas da região do Como, que estavam sob o domínio da guerrilha. «Era à bruta, com tiroteio que até fazia suar», diz Marcelino, em *A Guerra em África*, de José Freire Antunes. A força portuguesa, com Marinha, Exército e Força Aérea, era composta por cento e cinquenta e um militares. O PAIGC estima-se que tivesse trezentos homens ali. E o terreno, com muitos pântanos e mato cerrado, não facilitava a tarefa: «De dia, a um metro, não se via ninguém: só dávamos pelo inimigo quando ele abria fogo. E andávamos com lodo até aos joelhos e água até à cintura.» Com troca de tiros «noite e dia», a missão da *Operação Tridente* foi cumprida em dois meses e meio: «Conseguimos limpar a

NUNO CASTRO

ilha. Nós sofremos bastantes mortos,⁵ mas eles sofreram três ou quatro vezes mais.»

Marcelino da Mata sai desta operação vivo e com as insígnias de comando. Mas não só: «Na ilha do Como, o brigadeiro Sá Carneiro deu-me uma Cruz de Guerra de primeira classe e outra de segunda. Vim recebê-las ao Terreiro do Paço. Quem me condecorou foi Salazar, que me disse que eu era um herói nacional.»

TORRE E ESPADA⁶

Depois da *Operação Tridente*, Marcelino da Mata integra o Corpo de Instrução dos Comandos (CIC), onde se formam vários grupos de combate: *Fantasma*, *Gatos*, *Camaleões*, *Panteras*, *Diabólicos*. A 12 de Outubro de 1964, uma operação em Mansabá com os *Gatos*, na região do Oio, no norte da Guiné, valeu-lhe um dos muitos louvores: «Aproximou-se com a mais perfeita técnica do acampamento visado, localizando a sentinela terrorista, que acto contínuo pôs fora de combate, abrindo por esta forma caminho ao grupo, na testa do qual prosseguiu no assalto aos bandoleiros, de que resultou a captura de vários materiais de guerra.»

De louvor em louvor, a reputação de Marcelino foi crescendo. E a lenda também. O próprio Marcelino contribuía

⁵ Segundo o site *Guerra Colonial*, baseado no livro com o mesmo título, de Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes, morreram nove portugueses e setenta e seis guerrilheiros.

⁶ A mais importante condecoração para um militar. É uma ordem honorífica concedida quando se regista um dos seguintes casos: méritos excepcionalmente relevantes no exercício de cargos supremos ou no comando de tropas em campanha; feitos de heroísmo militar e cívico; actos excepcionais de abnegação e sacrifício pela pátria ou humanidade.

para a amplificação dos seus feitos, acrescentando por vezes uns zeros aos estragos que causava no inimigo. No livro *Últimos Guerreiros do Império*, por exemplo, fala de cerca cento e setenta guerrilheiros abatidos numa operação em 1973 (da qual já falaremos) e o comandante da acção, o general Almeida Bruno, aponta para números mais modestos – à volta de sessenta.

Mas a estratégia resultava: os adversários temiam-no, os aliados admiravam-no e seguiam-no. No blogue *Luís Graça & Camaradas da Guiné*, José Carvalho, na altura um furriel com 21 anos e muito sangue na guelra, recorda a sua reacção quando viu Marcelino da Mata e soube que o seu grupo iria sair para tentar resgatar Miguel Pessoa, que estava no mato porque o seu avião fora atingido por um míssil: «Sedento por acção, ofereci-me para fazer parte do grupo do Marcelino. E já a pensar na minha gabarolice dos anos vindouros.» Marcelino aceitou, o comandante de José Carvalho recusou. Marcelino insistiu: «Eu trago o seu homem, nem que seja às costas.» Nada feito – «vieram-me lágrimas aos olhos», escreve José Carvalho. O furriel de 21 anos não acompanhou o grupo de operações especiais que foi à procura de Miguel Pessoa, perdido na floresta desde 25 de Março de 1973,⁷ quando ia dar apoio aéreo ao aquartelamento de Guilege e o seu caça foi abatido por um míssil soviético do PAIGC. O piloto conseguiu ejectar-se, mas caiu na perigosa zona de Guilege, conhecida como o corredor da morte.

⁷ Foi o primeiro caça na história da Guerra Colonial a ser abatido por um míssil, que até então não fazia parte do armamento do PAIGC. O episódio marcou a moral e estratégia da Força Aérea portuguesa, que passou a ter um raio de acção mais limitado.

Marcelino da Mata e os seus homens encontraram-no sentado à beira de uma árvore. «Vamos embora», disseram-lhe. O próprio Miguel Pessoa diz no mesmo blogue que pensou tratar-se de guerrilheiros do PAIGC, uma vez que eram «todos pretos». «Não vou. Matem-me já que eu não saio daqui», respondeu. Aproximou-se então um dos homens: «Sou o Marcelino.» Foram as únicas três palavras necessárias para fazer o piloto levantar-se e acompanhar o grupo.

Muito do respeito que Marcelino da Mata adquiriu deveu-se a uma incursão no Senegal em 1967, pouco depois de ter ido a Lisboa receber as Cruzes de Guerra pela sua actuação na ilha do Como. «Foi desembarcar no aeroporto, dormir, ir à parada e voltar a apanhar o avião porque estava em preparação em Cumbamora, no Norte, uma operação, de grande envergadura com três companhias de tropa e o meu grupo», conta, no livro *A Guerra em África*, Marcelino, que nesta altura comandava o Grupo de Operações Especiais *Os Roncos*. A operação era no Senegal. *Os Roncos* deveriam empurrar o inimigo para uma zona onde estavam as três companhias de tropa emboscadas. Conseguiram pôr os guerrilheiros a fugir em direcção à armadilha, deixando-se atrasar para não serem apanhados pelo fogo português. Mas as companhias não estavam no sítio combinado e o inimigo reorganizou-se: «Começaram a mandar-nos morteiradas. Nesse dia, tive quatro mortos: dois brancos e dois pretos.⁸ Mesmo assim, apanhámos imenso material, que fizemos carregar aos vinte e um inimigos apanhados, e viemos a pé até à Guiné.»

⁸ Os registos militares referem três guineenses mortos nesta operação.

Mas voltou ao Senegal para «uma das operações que mais gostei de fazer». A Companhia de Caçadores 1546, sediada em Binta, fora apanhada pelo PAIGC quando estava a fazer uma patrulha na zona da fronteira. O tenente-coronel Manuel Agostinho Ferreira incumbiu *Os Roncos* de irem buscar os presos – levados para uma vila senegalesa e guardados por homens do PAIGC. Marcelino levou dezanove homens e vestiu uma tanga semelhante às que os senegaleses utilizavam naquela zona. Quando chegou à vila, aproveitou as vestes locais para se aproximar do arame farpado do quartel sem dar nas vistas. Mas o disfarce não escondeu a sua fama: «Vi os nossos homens todos sentados na parada, só em cuecas. O primeiro que me reconheceu avisou o capitão e depois passaram a palavra uns aos outros. Atirei uma granada ofensiva para o meio da parada e na confusão conseguimos tirar de lá os nossos todos.» O mais difícil foi chegar à fronteira: «Os brancos não estão habituados a andar descalços.» E o PAIGC veio em perseguição. Nove elementos do grupo iam à frente a escoltar os fugitivos e dez ficaram atrás a aguentar os tiros inimigos. Custou, mas valeu a pena: chegaram todos sãos e salvos e Marcelino acrescentou ao seu currículo uma Torre e Espada.

Não foi a primeira nem a última vez que Marcelino da Mata se disfarçou: «Quando não sabia onde eram os acampamentos, ia até à fronteira do Senegal com uma farda do PAIGC e uma bolsa de enfermeiro, entrava numa povoação e dizia: “Venho do Senegal, sou enfermeiro e fui mandado para a zona tal.”» Era encaminhado até ao acampamento, onde ficava dois ou três dias e punha em prática os ensinamentos do curso de enfermeiro, tratando

NUNO CASTRO

os guerrilheiros. «Às cinco ou sete horas da noite ia-me embora e apanhava o meu grupo. Às cinco da manhã já estávamos em cima deles.»

CRUZ DE GUERRA II

A 21 de Abril de 1971, Marcelino da Mata recebeu a segunda Cruz de Guerra de 1.^a Classe, terceira no total. Dizia o louvor: «O sargento Marcelino causou ao inimigo elevado número de baixas, actuando com uma coragem e decisão verdadeiramente notáveis, sendo-lhe devido o êxito total da acção, que decorreu sempre com iminente risco de vida.» Esta condecoração foi conseguida depois da importante operação *Mar Verde*.⁹ O objectivo desta acção, além de tentar apoiar um golpe de Estado na Guiné-Conacri, era destruir as estruturas do PAIGC em Conacri e libertar os presos portugueses mantidos em cativeiro na cidade.

Marcelino da Mata foi convocado para a operação muito cedo. A pedido do comandante Alpoim Calvão, responsável pela *Mar Verde*, mudou-se para uma ilha desabitada no arquipélago dos Bijagós. Ele e o tenente Rebordão de Brito encarregar-se-iam da instrução militar dos opositores ao governo da Guiné-Conacri. Seria este grupo de dissidentes que acompanharia as forças portuguesas e tentaria fazer um golpe de Estado. Ao início eram trinta cadetes, no fim cerca de quatrocentos. «Passámos sete meses nisto. Além do Calvão e de Lisboa, ninguém mais sabia de nada.»

⁹ António Júlio Rosa, cuja história também é narrada neste livro, estava no grupo de prisioneiros libertados na sequência desta operação. No capítulo que lhe é dedicado explica-se em detalhe a operação *Mar Verde*.

HERÓIS DO ULTRAMAR

A 19 de Novembro, embarcam todos para a Guiné-Conacri. Marcelino ia integrado no grupo de assalto *Oscar*, cuja missão era conquistar o quartel da Guarda Republicana e libertar os restantes opositores ao regime que aí estavam presos. Em *De Conakry ao M.D.L.P. – Dossier Secreto*, Alpoim Calvão relembra o papel de uma das suas equipas: «Dirigiram-se discretamente para o portão de entrada do quartel da Guarda Republicana. Esta força constituía a elite das Forças Armadas da Guiné Conacri, treinada por conselheiros militares checoslovacos, e era a principal guarda pretoriana do regime.» O alferes que comandava o grupo morreu logo: foi abatido quando, perseguindo a sentinela, tentava entrar na casa de guarda. Os restantes assaltantes também foram visados pelo fogo: «Valeu a decisão e coragem de Marcelino da Mata: mergulhou através da janela e na confusão dos vidros partidos e cadeiras caídas, abateu os oponentes com uma rajada.»

No livro *Últimos Guerreiros do Império*, Marcelino da Mata, que «só tinha o sabre porque a minha arma tinha caído à água», conta uma versão mais romanceada: «Eles detectaram a nossa aproximação e fecharam o portão. Eu parti o vidro da casa do guarda, matei o sargento à faca, abri o portão e o grupo entrou. O alferes, em vez de entrar, ficou ao meu lado e levou uma rajada.» Para a história fica o relatório da acção da equipa *Oscar* na operação *Mar Verde*: «O alferes Ferreira é mortalmente atingido e o segundo sargento Marcelino da Mata entra pela janela da casa do guarda, liquida os militares que ali se encontram e abre o portão, os restantes comandos entram, liquidam os guardas que saem das casernas e libertam cerca de quatrocentos

presos políticos.» Missão cumprida e mais uma medalha ao peito.

CRUZ DE GUERRA III

A fama do guerreiro também deu frutos fora do campo de batalha. Tal como acumulou condecorações e louvores, Marcelino da Mata construiu igualmente uma família extensa. Casou-se três vezes e teve catorze filhos, legítimos e ilegítimos. E tanta criança não lhe chegava: «Uma vez foi fazer uma operação comigo e quando voltou trazia um bebé. Eu disse-lhe: “Tu, que tens tantos filhos, agora vens com mais um bebé?” Ele respondeu: “Alguém tinha que tomar conta do menino”», conta o major Carlos Fabião no livro *A Guerra em África*.

Como reconhecimento dos feitos em campanha, Marcelino também vai sendo promovido e subindo na cadeia hierárquica militar. Em 1972, é alferes com a especialidade comando (chegou a tenente-coronel já depois de reformado). Passa a ser o responsável pelo IAO (Instrução de Aperfeiçoamento Operacional) dos cursos de comandos – a última fase, feita no mato em missões reais. Não deixava de participar nas operações e de coleccionar louvores, como na acção *Rosário-I*, em Outubro de 1972: «Sendo o seu grupo violentamente atacado à entrada de um acampamento, manteve-se a peito descoberto debaixo de intenso fogo, fazendo serenamente tiro certo, forçando dois adversários a fugirem, abandonado as armas, depois do que, reagrupando os seus homens, carregou sobre o objectivo com irresistível agressividade, abatendo mais dois elementos inimigos.»

HERÓIS DO ULTRAMAR

A 19 de Maio de 1973, participa em mais uma importante operação. O seu comandante é o major (futuro general) João de Almeida Bruno: «Foi a operação mais importante que comandeï», diz no livro *Últimos Guerreiros do Império*. Chamou-lhe *Ametista Real*, nome de uma pedra preciosa. O general António Spínola, comandante-chefe da Guiné, pedira-lhe para aliviar a pressão exercida sobre o destacamento militar de Guidage. Cercado por inúmeros campos de minas, o quartelamento vivia quase isolado: as colunas logísticas não conseguiam chegar lá e o reabastecimento aéreo era dificultado pelos mísseis soviéticos de que o PAIGC dispunha. Temia-se também que a guerrilha estivesse a planear um assalto final a Guidage.

Chegou-se à conclusão que para desarticular o dispositivo do PAIGC a única solução era atacar a base inimiga de Kumbamory, instalada já no Senegal, a cerca de cinco quilómetros da fronteira. Não se sabia qual a localização exacta do alvo, mas o objectivo foi definido: não sendo possível eliminar a base, causar o maior número possível de baixas e destruir a maior quantidade possível de material. Partiram na tarde do dia 19 de Maio. Eram três agrupamentos: o capitão Raul Folques comandava um, o capitão Carlos de Matos Gomes outro, e o capitão pára-quedista António Ramos ficou responsável pelo terceiro. Foi neste último que se integrou o grupo de Marcelino da Mata, que levou um convidado de honra: o comandante da operação.

Como manobra de diversão, o quartel de Bigene, perto da fronteira, fazia fogo sobre a zona onde achava que se localizava a base inimiga. Enquanto isso, às seis da manhã, o grupo de ataque entrou no Senegal e chegou a Kumbamory

uma hora e meia depois. Às oito da manhã, a Força Aérea abriu as hostilidades com um pesado bombardeamento. Seguiu-se o assalto, à sorte – que acompanhou o grupo: encontraram logo vários depósitos com material de guerra. «Não é fácil descrever a acção. A tónica principal deve ter sido a confusão, não só a própria batalha, como a decorrente do facto de se enfrentarem adversários da mesma cor», recorda Almeida Bruno.

Numa entrevista para o livro *Guerra, Paz e Fuzilamentos dos Guerreiros – Guiné 1970-1980*, Marcelino da Mata, que descobriu um dos paióis de munições, é mais preciso a contar o que se passou a seguir: «Quando chegámos ao paiol, eu e mais os seis homens do meu grupo, encontrámos cerca de uma dúzia de elementos do PAIGC, que eliminámos. Eram mais de cento e trinta toneladas de armamento e não noventa, como afirmou Almeida Bruno.» Depois de destruírem o material encontrado, regressaram a Guidage, com o PAIGC sempre no encalço. Marcelino carregava às costas um dos seus soldados que tinha sido ferido: «A finalizar, ainda enfrentámos o tiroteio de uma companhia nossa, que estava junto de Guidage. Finalmente lá gritei para eles a dizer que era o Marcelino da Mata e entrámos no quartel.»

Resultados da *Operação Ametista Real*, segundo o seu comandante? Pressão aliviada sobre Guidage, sessenta e sete inimigos mortos (embora Marcelino insista em falar no dobro das vítimas), catorze mortos e vinte e três feridos graves na tropa portuguesa, vinte e dois depósitos de material destruídos e, não menos importante, uma Cruz de Guerra de 3.^a classe para Marcelino da Mata. No louvor do

HERÓIS DO ULTRAMAR

general Spínola, o alferes foi elogiado pelo seu «exemplo de coragem excepcional», por ter tomado de assalto os depósitos «que o inimigo defendia vivamente» e por se ter oferecido para comandar a retirada, «conseguindo deter o inimigo» e «prestando assim relevante contributo para o êxito da operação».

Os feitos de Marcelino da Mata não diminuem com o passar dos anos. Ainda vai receber mais uma Cruz de Guerra de 1.^a Classe, em Agosto de 1973. E se a guerra continuasse, outras condecorações receberia. Conseguiu vir para Lisboa e escapar às prisões e fuzilamentos de que os guineenses que pertenceram à tropa portuguesa foram alvo depois da independência da ex-colónia. Não foi tão perspicaz em Portugal. Por alegadas ligações ao Exército de Libertação de Portugal, movimento que se organizou para tentar derrubar os grupos que dominavam o país no verão quente de 1975, foi interrogado e preso. Fugiu para Espanha e regressou depois do 25 de Novembro. Apresentou-se no Regimento de Comandos, onde deu instrução antes de ser preso. Reformou-se em 1980. Devido à lesão no braço, foi considerado deficiente das Forças Armadas, o que lhe permitia, em 1986, juntar mais «18 contos à reforma» (90 euros): «A diferença de salários é muito importante quando se tem catorze filhos.» Fez alguns biscates como segurança e voltou duas vezes à Guiné clandestinamente. Não conseguiu ver a mãe, que continuou sempre em Bissau. Nem o pai, mas esse por outras razões. Martinho da Mata morreu quando o filho, que por sua vontade teria ido estudar para o Brasil, ainda estava a fazer a recruta: não conheceu, portanto, a lenda do *Rambo* Marcelino.



© Fernando Farinha

Alfredo Maçanita (à esq.)